

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Fevereiro de 1895.

FOLH. 9.

EXPEDIENTE

Assignatura por um trimestre 28000
Número avulso 500
Pagamento adiantado.

O Pão publicou-se a duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.

*SUMARIO:—Os quinze dias, Moacyr Jurema;—A Padaria Espiritual, Padre Correa d'Almeida;—Tico, A. Theophilus;—Chiriquis, X. de Castro;—A infancia out'ora e hoje, José Carlos Junco;—Miscanthropia, R. Theophilus;—Arical, C. de Alencar;—Medalhas, Moacyr;—O Prato de Jalinha, Bruno Jacy;—Ade errante, G. de Miranda;—Sombra e Luz, Bento Ernesto Junior;—Bibliographia, M. J.;—A nossa correspondencia, Carteira.

Os quinze dias

—Você dá a chronica para este numero, disse-me o Saffro, o suggestivo mais implacante que já tenho conhecido.

—Pois sim, respondi-lhe eu, com ar de quem achava a coisa mais simples do mundo fazer uma chronica.

Mas depois que fiquei so, puz-me a sondar as fonduras em que me havia metido.

Dei balança a quizenza e achei-a quasi tão magra como a carne que a criada nos traz do mercado por um preço que não registro aqui para não entister nos leitores.

Disse-lhe pongo um dos mais encantadores chronicistas fluminenses que para fazer-se uma chronica não se precisa de assumpto, mais somente de pennas, papel e tinta.

Qual nada, senhores! Isto de chronica é como sacco — vsta não se põe em pé.

Orn aqui tem vossememês este seu crebro com uma *Loa* penut Mallat,

uma pilha de tras, tateiro chio e alguns charutos inda por cima — e a chronica não vale mesmo nada.

*Não podendo attribuir isto á falta de talento, o que seria um excesso de modestia, attribuo a falta de me produzida pelo insolito calor com que a atmosphera nos tem mimoscendo nestos ultimos dias.

Tudo bufa e tudo sua nesta encantadora e encantadissima cidade, cuja temperatura assa a gente em vida e... da assumpto ás visitas e aos chronicistas, que, infelizmente, porém, não tem como estas, o direito de se ocupar da vida alheia, falando em casamentos, dizendo que era bonivel o chapim com que Fulana foi ao Passeio, contando as gengas do bebê ou as catirrires da sogra.

Si somente chovesse, teria eu, com que encher a chironica e... as jarras, para gaudio dos leitores e do meu estomago, que prefere agua com a no ralo das nuvens a dita passada pelos filtros Pasteur.

Mas o inverno está mimoso, emulito commerciante que vende fiado para o centro ja olha apprehensivo para o céu, que parece a a candente abalada de um forno.

Nos outros, os poetas (hum! hum!), andamos tambem desconsolados com essa sequidão, que cresta a floresta (ah! vai rima), emudece as aves, secca as fontes e leva o terror a alma do pobre costumejo, ja amedrontado pelas perdidias deste formoso e inclemente céu da terra de Fracama.

Nos os poetas (isto é que se chama *empassar*) esperamos ansiosamente que este céu de bronze pintado de azul desentupa os rivos e mande a terra o balsamo das suas aguas benfazejas.

Queremos ver essas campinas estreladas de chamusca e malvas, forradas da pellicula verde da gramma, sorrizadas pelas notas de clarim dos gallos-de-campina e pelo tuturinar nostalgico das rodas.

Queremos ver os pass-brancos cobertos de flores alvissimas, como gigantescos ramilhetes de moiva, as carabias de flores amarellas — enermes brochos tremulantes, d'ouro — e enfiadas enfim todas essas arvores que pelo inverno se exibem de joia multicores e saltam no espaço ondas de perfume capcioso e morno...

Sim, havemos, ou, pelo menos, eu hei de ver e gozar tudo isso, porque Deus não ha de ser tão mau que nos

falte com o inverno, e eu não sou tão tolo que me deixe ficar enjaulado nesta audacitica e evaporifera cidade.

Fico aqui, minha gente!

O Jordano e o Mendoga que trem logo de arranjar mais um talher, porque ao fim da primeira semana do inverno irei comer-lhe os piroes o bebet o leite das vacas de que tenho feito aqumissão por meios licitos ou illicitos.

Si não tiverem talher é o mesmo, hei sempre, porque para comer feijão e carneassadico capelo, o talher não é de todo indispensavel.

O seião!... Conhecem vocês nada mais paradisiaco do que o seião cearense pelo inverno?

Ha o mo que uma resurreição em tudo.

De um solo calcinado e poeirento brota de um dia para o outro uma vegetação luxuriante e alacra: correm os rios; enchem-se os aendes; os grandes curruetas *fazendas regorgitam* de gado, e pelas amplas varzeas, de um verde de hortaliça, *sarcoteras* de cauda no ar os nodios poltros indomidos...

Se a gente pensa em banhar-se no rio ou em um grande banho ericado de pinhas e estrellado de nenupharas, res endentes, respirar o ar generoso das matas floridas e em segreda' sentado nos páos da porteira, ingerir uma grande-cuma de leite com um *capacho* de sua altura... Ah! ah!

E inutil-vocês mastrem, porque eu não fico.

Isto de escrever chronicas, beber corveja Frouzkauer, dançar no ha-cama ou no Centean, andar de collarinhos teos e sapatos lustrosos, não bota ninguém para diante, não, meus caros.

Ja disse á raposenda em de casa que me arranjasse substituto por tres mezes, prazo maximo de uma licença que se pode obter com 2/3 do ordenado, tendo protecção, está visto.

Estou convencido de que *O Pão* não succumbirá com a minha ausencia, alias ansivel, porque ja gent ou fama e tambem dinheiro bastante para pagar a typographia.

E ainda que succumbisse — antes elle do que eu, não acham?

E' maneira matrem-me em treis, porque não arranjam nada d'isto mundo.

Nem resa de Padre Santo me sa flor.

MOACYR JUREMA.

A PADARIA ESPIRITUAL, DO GSERÁ

No intuito de liarar do captivoiro os homens de côr preta e de corarda, o heroico Ceará foi o primeiro a collocar-se afoito na vanguarda.

Exemplo humanitario verdadeiro, a redempção completa lá não tarda: realisa-se o facto lisongeiro, sem fumaça de tiro de espingarda.

Quem sabe se tambem ao Crearar, intelligente raça, hoje pertence nas letras alcançar a primazia?

De espirito e criterio alguns rapazes entreym-se ao estudo e são capazes de incentur illustrada Padaria.

Barbecena (Minas-Geraes), Dezembro de 1894.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

TISICA

AO EDUARDO SABOYA

I

Fez-me pena vel-a, por uma calida tarde de verão, estufante, com scintillações, languidamente recostada n'uma larga cadeira de assento de linho bordado.

Uma tristeza immensa, — tristeza de fazer a gente chorar, — estampava-se no rosto livido, comprido e formoso da doente.

Sentia-se bem assim, no jardim: aquelle ambiente reanimava-a; tinha repugnancia ás flanollas, ás mancias flanelas limpas do seu cobertor, da sua cama, da sua roupa, do seu uso inteiro.

Ao mazo no jardim não estava vendo os horripilantes rotulos dos frascos de remedio, com virtudes impossiveis, diétas insupportaveis e cheiros nauseantes.

II

O seu espirito assim, á doce mudez provocadora do silencioso jardim alchochando de rosas e rosodás odorantes, fugia, n'um vôo allucinado de pomba erradia, para longe... para muito longe, para um mundo espiritual, que a sua nevrose excitada encherava, via, delimitava. E a pobresinha vivia d'aquellas chiméras, sonhando com o noivo, que tinha ido, havia muito tempo já, formarse em medicina. Julgava-se boa, alegre, a pipilar umas ignotas musicas imprevisas, a fazer idyllias sob caramanchões perfumados, beijando febrilmente o noivo e repetindo, com incendios nos combustos olhos de rapariga formosa:

— Meu amor, amo-te, amo-te.
E os nervos rotejavam-se, obedecendo áquella brusca e intempestiva excitação nervosa, para depois cahirem n'um freixo acaloradissimo de morte, de aniquillamento.

III

A s vezes tinha nostalgia da infancia, revia-se pobre e feliz, no aconchego venturoso do seio da sua cariciosa

mãosinha, tão boa, tão santa e que a morte impiedosa lhe tinha arrebatado, havia dez longos annos. E sentia-se velha.

— Desesceis annos! desesceis annos e velha e morta!...

IV

O Bull — um cósinho felpudo, gordo e entia — era o seu companheiro das silenciosas tardes do jardim.

Como ella invejava a carnacão sadia e vigorosa do animal!

E tinha impetos de machucal-o, de mordel-o, de estrangulal-o, de beber aquelle sangue robusto, n'uma aencia suprema de allucinação e de febre...

A inveja roia-a. Odejava a seiva, a exuberante seiva oriental das flôres viciadas, a penugem macia das folhas de velludo bordadas.

V

Mas tossia muito... tossia sempre. Quando ella se retirava, o chão allustrado de escarros parecia todo coberto de libras sterlingas.

A pobresinha aniquillava-se.

VI

O medico, que a começo lhe apparecera como um anjo salvador, ia-se-lhe tornando antipathico com as suas prescripções, acompanhadas de interminavel rosario de termos medicos e citações enfadonhas de nomes das maiores notabilidades scientificas.

Tinha aencias de liberdade, mas da liberdade absoluta e selvagom das gazellas ou das jacarás da lagoa.

E estremecia quando a chamavam para a refeição: tinha horror ás comidas e repugnancias invenciveis ás sabrosas iguarias da sua meza fidalga de moça rica.

Tinha volledades tontas de comer manjares exquisitos, provocantes, de um sabor requintado, regada com vinhos energicos... Devia fazer-lhe bem, pensava.

VII

Mais tarde.

Via na cama muito pallida, como estatua de cêra, emoldurando-lhe o rosto livido de alabastro uma longa cabelleira sem lustro e sem vida.

Tossia fracamente.

O ultimo periodo da consumpeção chegava, n'uma lentidão suave e preguiçosa, aniquillando aos poucos a graciosa carnacão oburna de virgem.

A myriade anonyma dos microbios vorazes fazia-lhe no fragmentado pulmão o ultimo festim, n'uma dança macabra de allucinação e de loucura, fazendo pulsar entre as rendas da camisinha, desordenadamente, o pequenino coração da moça.

Tudo sem brilho já: apenas os olhos conservavam o extranho fulgor das mlementes tísicas fitas.

No quarto, pessoas da familia fallavam baixo...

Subito, um jacto de sangue derramou-se pelas rendas alvas da camisa. Tinha morrido.

E um raio garrulo e travesso do sol vinha, através do cortinado rendado, illuminar o pallido rosto sereno da tísica.

Julho de 94

ARTHUR THEOPHIL

CHROMOS

VII

NATAL

E' hoje noite de frata. No casa reina a alegria. Deede quasi meio dia Que p'r'arrumar nada resta!

Diz Rosa: Julia, me empresta Tu fchá. — Corre, Maria! Vamos p'r'a missa. Anda... Espira Si o meu cósinho presta...

Veste o corpo de cambraia. Aperta o cordão da saia... Anda, mulher! Com quem fallo!...

Passa banha na pastinha... Segura bem essa anquinha... — Tu olha o bico do gallo!...

VIII

A'S AVE MARIAS

E' sem rebôco a casinha De palha, no alto erguida; D'alli se ouve na ermda Toda inteira a ladainha.

Tomba o sol. E' já tardinha. Spantada — a cateira estendida — Dá castanês, catrêtida, A ceifa Avô na netinha.

Tôca o sino a — Ave-Maria — Ella diz: — Ouves, Líbia?... Vamos accender a luz...

Põe as mãosinhas iguara, Diz: — Loucado sejas, Oh! doce Mãe de Jesus.

IX

DEPOIS DO BANHO

O sol ha pouco surgira; Ella vinha do quintal... Assustou-se, mal o cira E occultou-se no arantal...

De rosa, de sêda e neve Seu collo d'alvo frescor Malhadinho assim de leve... — Era em noblinas a flôr...

Elle lhe disse: — Que alcara... Nunca vi manhã mais pura... Tanto Amor... mais luz a Aurora!

Elle, nas murtas pisando, Lhe disse, vindo e corando: — Nem tem graça!... Vá-se embora!

X. DE CASTRO.

A infancia outr'ora e hoje

Um dos aspectos mais caracteristicos do nosso tempo está na importancia sempre crescente, poderiamos dizer mesmo no ascendente, que tem adquirido a infancia nas relações da vida social.

Quando vemos a solicitude com que no mundo inteiro medicos e hygie-

nestas portam em estudar os meios de garantir a e a loçar a vida das crianças creanças; quando vemos o cuidado e o escrúpulo trazido nos estudos e experiências pedagógicas no sentido de minorar a esses pequenos seres os esforços e as fadigas do estudo; quando, na legislação dos povos modernos, vemos a multiplicação das medidas tendentes a proteger e assistir a infância desvalida e garantir os direitos naturais da criança contra parentes desnaturados — que, para honra de nossos tempos já constituem hoje uma rara excepção; — prado, enfim, percorremos a extensa litteratura exclusivamente infantil, que em cada uma das grandes nações civilizadas entrega ao publico annualmente centenas de volumes e revistas devidos a pennas primorosas, com o concurso esmerado da gravura e dos aperfeiçoadísimos recursos da arte typographica; é natural indagar da condição da infancia nas diferentes phases da vida da humanidade e é consolador verificar que é esse um dos poucos assumptos em que se tem realizado verdadeiro e incessante progresso, ou em que a marcha ascendente da civilisação tem sido regular e effizaz.

Ha tres ou quatro annos que um escriptor, parodiando a celebre phrase de Sicyós, dizia: « Que era outr ora a creança? — Quasi nada. — Que se tornou ella hoje? — Tudo. » (1)

Servam estas palavras de epigraphia as linhas que se vão seguir.

I

Si a vida do homem primitivo se nos affigura horrivel, hehonda, si o nosso avô — o homem das cavernas, imundo, hirsuto, egoista e sanguinario, somente nos inspira repugnancia ou compaixão, que cousa podemos nós imaginar mais miseravel que a sorte que então deviam ter as creanças em tenra idade?

Difficilmente podemos conceber por que privilégios de adaptação, por que lenta selecção e a custa de que payzosa mortalidade era possivel a tenra prole da humanidade ineipientemente vencer os mil perigos que a rodeavam a ponto de sobreviver um numero sufficiente para a conservação da especie.

O Dr. Luiz Robinson, estudando a lizadas theorias darwinianas a vida do homem primitivo, procura por meio de alguns caracteres, singularmente persistentes na infancia ainda hoje, em rasgos muito diversos, estabelecer alguns dos factores principaes da sobrevivencia infantil na humanidade prehistorica. E nada tem de bello o quadro que elle, si não traça, nos deixa entrever, das misérias e perigos que rodeavam a infancia n'aquellas eras.

De todas as investigações e estudos feitos em tal sentido, resulta a e invicção de que, nessas epochas sombrias da vida da humanidade, os sentimentos affectivos dos paes para com os filhos eram tão radicantes que nem elles pde com exactidão applicar o nome desentimentos.

Em quanto as primeiras sociedades

não se esboçavam e, pela composição e permanencia da familia, ainda o homem não se distinguia dos outros animaes, durando as relações entre mãe e filhos (seria arriscado dizer — entre paes e filhos) somente até que estes se achassem aptos para proeurar por si a subsistencia, é claro que a affeição maternal não passava de um episodio de pouca duração.

Derivemos, porém, essa phase negra e incerta, que ainda não pertence propriamente a historia da humanidade e vejamos na sociedade primitiva o papel que podia representar a creança.

Embarazoso fardo, verdadeiro estorvo para os paes, o filho constituia para elles uma causa de inferioridade na lucta pela vida.

Conduzido em sua companhia, estorvava-lhes os movimentos, a agilidade, a fuga; deixado na caverna, inquietavam buscar, às vezes longe, os meios de subsistencia, ficava exposto a mil perigos. Segundo o Dr. L. Robinson (2), a tendencia que mostram as creanças em geral, para apudiar os pequenos objectos e levá-los a bocca, é uma reminiscencia persistente dessas eras, em que a omnivoridade era um factor da selecção vital; a intensidade dos gritos da creança nós lembra igualmente a pouca sensibilidade dos paes ante o appello infantil; usam tambem certos terrores instinctivos da creança, explicáveis unicamente pela persistencia hereditaria de certos factores da selecção natural, ainda nos dão uma idea da triz situação da infancia nos tempos primitivos.

Estas supposições, porém, baseadas nas doutrinas transformistas seriam meras conjecturas, si não fossem confirmadas pelo que se observa ainda hoje nos povos que occupam lugar mais baixo na escala da civilisação.

Na tribo, que representa já uma organização social muito adiantada, com relação ao homem primitivo, suas relações dos individuos entre si, já se acham muito modificadas, ainda a situação da infancia continúa tão precaria que se pode dizer que em nada lhe aproveitou esse primeiro e grande passo dado no caminho da civilisação.

Os sentimentos affectivos apuram um pouco, é verdade; pela permanencia da familia e pelo reconhecimento da paternidade, mas si, por um lado, a infancia ganhou nos cuidados que lhe eram prestados, um novo mal, o mesmo a pensação veio recahir sobre ella.

Os interesses da comunidade frequentemente exigiam a limitação da prole, ou mesmo o sacrificio dos pequenos, toda vez que o seu numero excedia as forças da tribo ou lhe embaraçava a rapidez dos movimentos.

O aborto, o infanticidio e o abandono das creanças foram tão largamente praticados na antiguidade e o são ainda em tão grande numero de povos que não se pode duvidar que fossem factos sociologicos muito anturmes e determinados por motivos fortes e incluetivos.

II

Entre os australianos, em hora sejam

(2) North American Review, 1841 Outubro.

as mães em geral affeições nos filhos, facilmente os abandonam muitas vezes no meio do perigo, e conta-se que alguns indigenas utilizavam para iscar os anzões a carne dos proprios filhos, mortos adrede. (3)

Os Fuégianos vendem os filhos como escravos, os indios Chonos matam-n'os em um accesso de cólera por um falta qualquer; segundo Falkner, os Patagãos trocam-n'os por aguardente; os indios do estreito de Puget, no dizer de Bancroft, jogam os filhos; segundo Simpson, os Pi-Edes trocam os seus por fazendas ou quinillanias; entre os Maguis, diz Schomburgk, o preço de uma creança é o mesmo de um cão (4).

Referindo-se a estes factos, Herbert Spencer explica-os pela «necessidade de minorar a massa total dos soffrimentos, impostos pelas condições da vida selvagem n'uma região esteril.»

Seja porém qual for a sua causa, elles dão testemunho da miserrima condição das creanças nas sociedades primitivas.

E longa demais seria a lista dos povos antigos e modernos, entre os que o aborto e infanticidio eram ou são prescriptos ou tolerados. Na Tasmania, na Australia, na Nova-Caledonia, na ilha Formosa, na bahia do Hudson, nas bacias do Prata, do Orinoco e do Amazonas (5) o aborto era raticado em grande escala pelos indigenas. O infanticidio é ainda mais frequente. Praticava-se em quasi toda a Oceania, em quasi toda a India, entre os Esquimós da America e da Asia e os Pelles-Vermelhas na America Meridional e Central. (6) Marco Pólo já o refere como frequente na China e o Padre Hue e S. Mas o esaltam e ainda hoje é notoria a facilidade com que os chinezes vendem os filhos, transacção aliás permitida pelas suas leis.

Em alguns povos selvagens, morrendo a mãe, com ella se enterra o filho que ainda mama. Nas ilhas Fidji, o morticínio das creanças eleva-se a mais de dous terços.

Nas civilisações semiticas, a condição da infancia tem já melhorado muito; no entanto abhe-se quanto era agradável ás divindades phenicias o sacrificio de uma creança. Aos hebreus mesmo não eram extranhos taes sacrificios, como se ve do Levitico, cap. XVIII, v. 21, cap. XX, v. 2; IV L. dos Reis, cap. XVI, v. 3, cap. XXI, v. 6, cap. XXII, v. 10, Jeremias, cap. XIX, v. 5, Ezequiel 31, XXIII, 37 e 39.

Tambem entre os hebreus era licito vender as proprias filhas (Exodo, C. XXI) e o filho que desobedece ao paé podia ser apedrejado (Deuteronomio, c. XXI, vv. 18 a 21).

(3) H. Spencer: Principles of Sociology, 3.^a P., cap. XI; Angus: Natural History of Man t. II, p. 74.

(4) H. Spencer: loc. cit.

(5) Lebourzeau: Sociologie; De Rochas: Nouvelle Caledonie; P. Mantegazzi: Rio de la Plata; Humboldt: Reisea indie Aquinakiu tygendea.

(6) Spencer, loco cit; Lottinneau: Evolution de la Morale; Veron: La Morale.

(1) Vallery-Radot: Sentiments de famille, n. 1. — Revue Polytechnique et Littéraire — 1841

O sacrificio de Abraham e o de Jothé ainda nos mostram a pouca intensidade da philogenitura entre os hebreus.

Na Grecia antiga ainda o infanticidio era largamente praticado: Lycurgo, preoccupado unicamente em organizar um povo forte e aguerrido, prescrevia-o para todas as creanças que não fossem bem conformadas e robustas. E não era sómente em Esparta que se procedia assim. Todas as cidades da Grecia, quando não o exigiam, toleravam-n'o.

Apenas Thebas constituia uma nobre excepção, prohibindo e punindo o sacrificio, mesmo dos fracos e mal conformados, e essa sentimentalidade não impediu que os thebanos antiquilassem em Leuctres e Mantinea o poderio e prestigio dos rijos e insensíveis espartanos e alcançassem a preeminencia sobre os outros gregos que praticavam largamente sobre as creanças a selecção artificial.

Conra—Janeiro—1825.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

MISANTHROPIA

*Não se porqu' os rios n'entristecem,
Me faz sciamar dos outros a alegria;
Cabe minh'alma em thetal' n'clavulin
Quando turbas risonhas me apparem.*

*Os murmurios das festas me aborrecem
E do tedio d'cidade negra e sombria
Resseceita a mortal' misanthropia
E os esperanças todan' desaparecem.*

*Então minha alma triste cabe no horto,
Chora a ultima illusão, q' foge aqui e lã,
Do pobre coração já quasi morto.*

*Só o retiro, só a voz dos ermos
Com sua grandidade suavisam
As dores d'ermos miarvos enternam.*

Alto da Bonança.

RODOLPHO THEOFILO.

A RIVAL

Chorosa, pallida, magoada ella vivia depois que Raul voltara. Via-o sempre esquivo, distraído, o olhar atravessando do nostalgias, o pensamento fixo como que em cousas longinquas, o semblante triste, d'ania tristeza onde parecia haver a espiritualidade sombria d'um sonho do vanecido.

Soffria. As heroicas esperanças que durante tanto tempo viveram em seu ser, trahidas agonisavam, enbriando o seu amor abandonado, retransido do desenganos e de duvidas.

Havia pela sua existencia o rumor violento, emocional dos grandes desmoronamentos.

Raul não a amava mais.

Esta verdade cruel fustigava-a com a dureza fulgente o implacavel de um sol africano sobre um arcial infinitamente vasto e deserto.

Agora pelo seu coração vazio de illusões, vaguejavam somente as evocações d'um passado feliz.

Out'ora quando ella tinha quinze annos elle amava-a muito. Passavam dias inteiros contemplando-se. Demanhã namoravam-se ao sol.

Nas tardes estivaes, nas tardes em que havia no azul como que um desabrochar ethereal de rosas e violetas, passejavam...

A' noite, no luar, diziam confidencias e miravam-se ás estrellas.

Os canarios sonoramente cantavam nos telhados de sua casa, fazendo ninhos... e ella feliz então, não os invejava.

A seis annos elle partira.

Voltando, apagara as promessas e as promessas que deixara rutilando na sua alma.

Nunca mais Raul lhe sorriu ternamente, nem lhe fallou como nos tempos passados, dirigindo-lhe palavras que vibravam tremulas, amorosas e quentes nos labios d'elle.

A sua dedicacão, a persistencia impaciente de sua paixão, tinham sido compensadas por uma desillusão atroz.

Consumira sua mocidade esperando e amando sacrificadamente.

Ao pensar em tudo isso chorava... e as suas lagrimas, como gottas de orvalho sobre flores emmurchecidas, scintillavam na pallidez do seu semblante, constelando dolorosamente a sua belleza extincta.

Elle amava talvez outra. Essa id'ia fiziz sua alma corroer-se de amarguras extranhas, haurir taças de ciúme e de odio, sentir commoções dantescas.

E um dia resolveu interrogal-o para saber por que era despresada. Quiz stoicamente ouvir-o pronunciar o nome da rival amada.

Interrogou-o. Elle, n'uma impossibilidade serena o triste de idealista desilludido, mostrou-lhe o retrato que ella lhe offerocera aos quinze annos.

Vendo-o, comprehendio tudo: o retrato denunciou-lhe todo o mysterio do seu amor abandonado. Os annos tinham afieado a sua physionomia.

A sua rival era a imagem de sua belleza de out'ora, no tempo em que se namoravam ao sol...

Agora para seu amado ella existia como uma illusão morta e para seu affecto, desesperado, impossivel só podiam fulgir as evocações d'um passado feliz.

CABRAL DE ALENCAR.

O prato do Julinho

Era a na tarefa massadora aquella que lhe incumbia duas vezes cada dia. Antes de tragar o primeiro bocado, ella havia de fazer os pratos das sete creanças, muito pachorrentamente, medindo bem os quinhões para não haver razão de queixa. E sem perder a calma e a paciencia no meio da algazarra desordenada, da garrula tagarellice da ninhada, ia distribuindo os pratos, um por um, a comecar pelos menores.

A's vezes o marido ajudava-lhe a tarefa, mas elle era tambem tão occupado... comia sempre as carreiras para não perder um vintem no trabalho do dia.

Acabada a distribuição, tinha-se-lhe

acabado tambem o appetite e quasi sempre ella comia pouco ou nada. D'ahi, e de outras causas mais, resultara-lhe a magreza extrema, que lhe matava a antiga opulencia das formas, realçando mais o amoroso brilho das pupillas.

Um dia veio a febre, e vieram convulsões, e o Julinho, o mimo da casa, foi levado a um enixãozinho azul, muito dourado e coberto de flores.

Nos dous primeiros dias, entorpecidos pela dor, esqueceram-se de tudo, pensando que iam morrer tambem, e esperavam a morte. Mas a morte os não queria: levou sómente o anjinho.

Era preciso voltar á vida e ao trabalho: os outros seis alli estavam a chamar por elles.

Quando se foram sentar pela primeira vez á meza, depois da catastrophe, e viram o lugar vazio, reerudescer a dor e foi com um nó na garganta que fizeram os pratos nesse dia.

Depois de servidos todos, quando iam elles comer, ella poz-se a fazer cuidadosamente um prato mais e pôl-o no lugar vazio do Julinho.

E sentados, a olhar para o pratinho que se conservava intacto, enquanto se esvaziavam os outros continuaram a soluçar.

As creanças mais idosas, que comprehendiam, tambem choravam, mas sem deixar de comer.

Janeiro—95.

BRUNO JACY.

MEDALHAS

VII

OLAVO BILAC

*Vida em fúria lá vas tangendo a lyra,
—Lyraem q' vibram todos os rumores,
Seja a troça que um passado desflou,
Seja a explosão dos mares rugidores.*

*No crystal de seu verso a gente mira
O proprio coração:—risos e dores,
Tudo o que nos console ou que nos fira,
Pompeia ali as tchementes cores.*

*A's vezes se remonta d' augusta Ronte
E de um soneto faz aurea redonda
Para abrigar-lhe os cultos immortaes.*

*Quando o somno lhe foge, abre as janelas
E lea toda a noite a ouvir ESTRELLAS
Que lhe falam das plagas sideraes.*

VIII

ARTHUR AZEVEDO

*Da Attica veiu o sal que no baptismo
Elle ingeriu... Só oata conjectura
Pode explicar o cunho humorismo
Do seu estylo de ciazs frescura.*

*Assistindo a laneta do optimismo,
Guinda-se acina da existencia escura
A marombar a panna sobre o abyssano
E a vir sobre nós todos lá da altura.*

*O palco é a sua predilecta arena,
Ond' troça os ridiculos sem pena
E a tollice, a sorrir, farpeia ao vicio.*

*A's vezes óem-lhe umas idéas novas...
E então com rimas espidas e alacres
Trce TOMAMA DE MIMOSO CRAVO.*

IX

VALENTIM MAGALHÃES

*Invenção paladino da Arte,
Conquistou as dragões de commando,
Kalkuta impelle esse aquerrido bando
Que n' A SEMANA tem bello estandarte.*

*O seu talento celtico reparte
Instruindo, escrevendo, apostolando,
En lya luz ressurde quando em quan-
do,
Q' elle tambem, oh Musa, sabe amar-te.*

*No arcano da argumtao quida forma
De bondade e tambem accidos traços
De uma fina ironia causticante.*

*O conto, o artigo, a chronica, a oer-
dota,
Em qntes jarras, tudo enfilhe brota
De penna—q' n'ã para um só instante.*

MOACYR

BIBLIOGRAPHIA

O CORAÇÃO, poema de Rodrigues de Carvalho. — Editor Centro Literario. — Fortaleza, 1894.

Acaba de sair à luz este trabalho litterario, cujo producto é destinado a auxiliar as obras do monumento a J. de Alencar.

Em boa impressão que nos causou a leitura d' *O Coração*, onde ha formosos alexandrinos e brilhantes imagens.

Nofamos, entretanto, que o poema não tem plano definido, resentindo-se de uma certa heterogeneidade de concepção.

Ha aqui e ali expressões que nos pareceram incorrectas, como sejam — « embriagar-me ao vinho desta dor », « louca como o sol », « embriagar-me em vinho », e outras equivalentes.

A pagina 28 o poeta elide sem necessidade o segundo a de *crepusculo e musculo*, deixando entre tanto de elidir o primeiro a de *symbolo*, e quebrando assim o verso em que entra esta palavra, e que é este — *Para symbolo de dita, o safiro penhasco*. — visivelmente errado.

Na poesia — *O coração de uma manja* ha o seguinte verso com um palpavel erro de concordancia — « Agora é meu cilicio os viciuos do madeiro. »

Quanto ao mais, é *O Coração* uma bonita amostra do talento poetico do Sr. Rodrigues de Carvalho, com o qual nos congratulamos.

JOSÉ DE ALENCAR. — *Discursando Magalhães de Azevedo*. — Rio de Janeiro, 1894.

Por occasião do festival concertado realtando no Cassino Fluminense em beneficio das obras do monumento de José de Alencar, recitou Magalhães de Azevedo um brilhantissimo discurso, que fez tirar em folhetos, dos quaes teve a flaoza de nos enviar um exemplar.

Ficamos sabendo agora que n'êr de delicado contista e inspirado poeta é tambem Magalhães de Azevedo orador fluente e correcto.

Folgamos em conhecer mais esta face do talento de Magalhães de Azevedo, um dos valiosos mais insinuantes da actual geração litteraria brasileira.

Deliciam a gente as phrases vibrantes com que elle debuxa a traços largos a imponente figura do glorioso escriptor cariense.

POLYMORPHOS, em nome de Arthur Bahia. — Recife 1894.

Um folheto com 32 paginas de versos espontaneos e sonoros que se acaba de ler antes de acabar um charuto, mas cuja impressão agradável não se extingue tão depressa como as espiras do fumo.

Ao contrario, depois da leitura dos *Polymorphos* alguma coisa nos fica a ressoar docemente ao ouvido como *A' beira-mar, Tala e outros*.

Merece menção especial o soneto *Côgo!* — com uns deliciosos longes de sabor camoneano.

M. J.

SOMBRA E LUZ

(INEDITO)

*O mesmo doce tei no amor q' outr'ora
Tu me mostraras, mostras novamente.
Dás-me de novo teu olhar ardente
E ardente nectas q' entreu labio mora.*

*Fazes de novo rebelhar a unyon
Na coraçõ que ha muito tristemente
Vive immersa na treva em q' inclemente
Com teus desdenhs lançaste-me, senhora*

*Tambem, no inferno, da cebeste esphera
Fogora os sores: depois, na primavera,
Quando não ha mais gelidos beifejos.*

*A Vulteta luz no alta afastado
Como um penhasco de oiro em gualtha-
do
Sobre um campo fureado de azulejos.*

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Minas—1894.

A NOSSA CORRESPONDENCIA

OURO PRETO, 9 DE NOVEMBRO DE 1894. Meu caro Sabino Baptista. Hoje o dia começou alegre e cheio para mim; pois o carteiro, entre outras novidades, trouxe-me a tua carta de 28 de Outubro, uma circular da Padaria, ainda quente do forno, convidando-me para seu socio correspondente aqui e o n.º 7 do Ceará Illustrado. Passo a responder-te.

Depois que vim do Ceará, demorei-me uns vinte dias na Capital Federal.

Vinte dias! Quasi tantos quanto dei ao nosso bom Ceará! A proposito de litteratura isto está muito peor do que o centro em que vives. Pela *Semana polesvêr* (e a *Semana* é o nosso unico jornal litterario) como as letras estão mirasmadas. De mais, muitos dos nossos rapazes de letras estão ausentes; outros afastados da gente, metidos em arranjos de outra ordem etc. Tudo, entim, calado de tal modo,

que não sei quando se erguerá do novo.

... Ora não tornes a chamar isto aqui de *poetico thebaico*.

Poetico thebaico é essa onda vives, bella terra da luz, que os verdes muros beijam.

A Padaria reorganizou-se (dizes), o que vale dizer que o forno se concertou e que O Pão vá sair. Li o Retrospecto. Como o jornal da Padaria só sai em Janeiro, é possível que até hi eu tenha tempo para enviar aos padeiros alguma coisa. Não ha duvida.

Ando já, meu caro Sabino, bastante atarefado com encargos, que me afastam das letras.

Um grande abraço em todos os padeiros e um especialmento a ti, do teu — RAYMUNDO CORRÊA.

RIO 15 DE NOVEMBRO DE 1894. *Illm. Sr. Moacyr Juvenal* (1.º fôrmeiro)

Agradecendo a gentileza, que commigo tivestes escolhendo-me para representante da *Padaria Espiritual* n' esta cidade que, em verdade, é uma formosura, não sei se poderei dar conta da incumbencia a contento de vós outros, não porque me falte vontade mas porque o tempo me não sobra, tão atarefado estou presentemente.

Padeiro sou e dos que mais trabalham esse rude labor de amassar o trigo dos campos do Sonho. Como a freguezia é grande, succede, muitas vezes, que, afim de servir-a, não levo n' maneira o tempo necessario para dar a massa de meus pães a terra maciez e o adubo saboroso que ostornam appetecidos... e os meus pobres pães endurecem e perdem o sabor de um dia para outro.

Fico, todavia, á disposição dos meus confrades pondo ás ordens da Padaria a minha pa e... o suor do meu rosto.

Acho-me, porém tão fraco, que não estou longe de hereditar nas palavras de um vidente: — que ando a fazer biscoitos. Quem sabe?

Em summa; pães ou biscoitos, seja o que for, disponho ainda de um colleiro de boa vontade e de... spnho e é dessa massa que elles se fazem.

Assim pois, flico esperando as vossas ordens... á bocca do forno. Confrade — CORLHO NETTO.

RIO, 31 DE OCTUBRO DE 1894. *Sabino*. Li, penhorado, a noticia que deste d' meu livro. creio que na *Republica*.

Obrigado! Queira Deus que os meus trabalhos possam sempre merecer o acolhimento, que este acaba de ter no Ceará. Li igualmente a noticia do Salles: muitissimo boa e extraordinariamente amavel.

Obrigado a vocês todos dessa *Padaria*, que se fez tão querida no Rio de Janeiro e em todo o Brazil. Meu desejo é que ella continue por ali fóra conquistando glorias e mais glorias. Eu, de minha parte, farei o que puder em beneficio dos padeiros.

Criço que sociedade alguma litteraria já obteve maior exito no Brazil. É um consolo e um estímulo para os rapazes d'ahi.

Meu *Bom-Criollo* está no prelo e deve apparecer em Dezembro.

Adeus do — Ad. Cominha.

S. PAULO, 22 DE NOVEMBRO DE 1891.
Illustra confrade Sr. Moacyr Jurema.
Com o *Retrospecto* dos feitos da utilissima Padaria Espiritual, recebi o vosso officio impresso, communicando-me haver eu recebido a immerecida distincção de ter sido escolhido para socio correspondente da Padaria n'esta cidade.

Agradecendo á benemerita e progressista instituição, que tão bons serviços tem prestado e vae prestando ás letras, a honrosa incumbencia, accetto-a e enviarei esforços para desempenhar-me d'ella honradamente, correspondendo assim á illimitada confiança de que me fez depositario.

Dizei-me, porem, amigo e confrade, em que posso ser util á Padaria Espiritual n'esta terra, onde felizmente as letras tambem vão medrando, graças ao impulso de alguns espiritos novos, que se dispuseram a pugnar pelo amor d'ellas.

Est aqui estou e aqui sou todo vosso como admirador e como obreiro.

Lá com um praser crescente todo o risinho e desopilante *Retrospecto* dos feitos da Padaria e soube-me bem essa puda amassada e levedada pelas habiíssimas mãos do L. forneiro a quem endereço estas linhas.

Muito bem, muito bem e avante.

Para o mez, devem ser publicados dois livros meus: *Caricatura Bom humor* e *Vida Aturada* dos quaes enviarei exemplares para a bibliotheca da Padaria.

Se ainda existirem exemplares de *Amizinhos* e do *Attentado da rua de S. Leopoldo*, que publiquei em 1882, tambem enviarei alguns com o mesmo destino. As edições estão exgotadas e só por acaso será possível achar-se algum exemplar á venda. Procurarei todavia.

De resto, dai-me as vossas ordens e acreditai-me sempre um admirador sincero da Padaria e de todos os seus intelligentes forneiros e demais operarios.

Um abraço fraternal ao Am. e confrade—*Garcia Redondo.*

AVE ERRANTE

(INEUITO)

*Acredita que um dia foste minha
e que bem cedo, a pomba, me fugiste,
e ver cahir n'um sonho pago e triste,
quanto de puro a fantasia tinha.*

*Como a nécada pérola marinha,
que no fundo do mar somente existe,
aquelle santo affecto, que em mim existe,
pérola d'alma—de minha alma cinza*

*acho habitar no fundo de tua alma,
ta' uma estrela tristemente calada
que refulgisse em azules eus.*

*Entanto, ó pomba, tu bateste as asas,
minha deixaste o amor em q' me abraça
deixando visão dos senhores meus!*

(Pará).

GUILHERME DE MIRANDA

CARTEIRA

DESEMBARGADOR MOTTA CORRÊA

Falleceu no Rio de Janeiro o illustre desembargador Motta Corrêa, pae do nosso querido amigo, o glorioso poeta Raymundo Corrêa, ao qual enviámos nestas linhas um abraço de sincera condolencia.

« HOMENS E LIVROS »

É este o titulo de um livro que vae publicar brevemente o nosso confrade paraense Raul de Azevedo, um dos mais esforçados obreiros da *Mina Litteraria*.

A obra será editada pelos conhecidos livreiros fluminenses Magalhães & C.ª, nos quaes já foram remettidos os autographos.

VICENTE SABOYA

Esteve a passeio nesta capital este sympathico cavalheiro, nosso correspondente em Sobral.

« TROVAS DO NORTE »

Acha-se muito adiantada a impressão do livro de Antonio Salles.

As *Trovas do Norte* dividem-se em duas partes—*Erradias* e *Intimas*, a primeira dedicada ao eminente escriptor Alfonso Celso e a segunda a esposa do poeta.

JOSÉ CARLOS JUNIOR

Foi nomeado para exercer interinamente o cargo de Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda o nosso presado chefe José Carlos Junior, lente de allemão do Lyceu Cearense.

Damos parabens ao Estado e ao governo, que o vae ter como auxiliar: quanto ao nomeado, hesitamos um pouco em felicital-o, porque o cargo, sem chapa, espinhoso.

Em todo caso, vá lá um abraço ao Padeiro-mór.

A NOSSA RECEPÇÃO

Muito lisongeiro foi o acolhimento, que nos fizeram os nossos collegas do *Democrata* e da *Gazeta do Commercio*, da Parahyba, e *Diario de Pernambuco* e *Provincia do Pará*.

Agra-tecidos.

LEOPOLDO BRIGIDA

Acha-se ha dias em nossa terra, que é tambem a sua, este nosso talentoso amigo, uma das mais promettedoras vocações litterarias da actual geração cearense.

Brevemente illuminará as columnas d'*O Pao* algumas produções do Leopoldo.

Duas magnificas sessões realisou nesta quinzena a Padaria Espiritual, uma em casa de José Carlos Junior e outra em casa de Rodolpho Theophilo.

Ambas estiveram animadas e fecundas.

Foi muito captivante o tractamento dispensado pelos dous amphitriões aos seus convivas, cuja satisfação se traduziu em brilhantes cargas de espirito.

Por falta de espaço não fazemos aqui a commemoração das peças lidas, algumas das quaes já figuram no summario deste numero.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA

Publicamos hoje um dos magistraes sonetos do grande poeta mineiro Padre Corrêa de Almeida, soneto que tem por assumpto a nossa associação.

LEMBRETE

Prevenimos aos nossos consocios nos Estados que, segundo os nossos estatutos, é vedado aos Padeiros empregar nos seus escriptos palavras estranhas á lingua vernacula, e desde já pedimos autorisação a todos para substituir por vocabulo portuguez qualquer vocabulo estrangeiro que porventura encontremos nas produções que nos mandem.

Prezamos affirmar (e inativa mente este ponto) a lingua portugueza não precisa de favores de nenhuma outra.

DR. PEDRO BORGES

Chegou ha dias do Rio est. sympathico cavalheiro e conceituado clinico, representante do Ceará na Camara Federal.

Foi brilhante a recepção, que lhe fizeram seus amigos e magnifico o almoço que lhe foi offerecido na residencia do seu digno cunhado, coronel Guilherme Roêla.

Entre muitos brindes, que se trocaram, Pedro Borges ergueu um a Padaria Espiritual, sociedade que muito tem concorrido para o levantamento dos creditos litterarios do Ceará.

A esse brinde, caloroso e inteiramente acolhido, responde o nosso collega Sabino Baptista, saudando ao illustre rec. mechegado.

PREPARADOS PHARMICEUTICOS

DR

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrilugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICÁ. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTIFRICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80 Rua do Major Facundo — 80, Ceará.

Aguiar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em saudar a sua amavel frequencia, fazendo votos para que o corrente anno lhe seja todo de venturas.

E outro sim: cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demaiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69. RUA MAJOR FACUNDO. 69

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza-

PROPRIETARIO:

Manoel Pereira dos Santos.

108 B — Rua Formosa — 108 B

GRANDE LOJA DE JOIAS

A MAIS ANTIGA DENTE ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

70 RUA DO MAIOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44
31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C^ª

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas á cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da -- França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte
RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objetos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61-- Rua do Major Facundo--59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente»

Este emporio de modas continua a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52— Rua do Major Facundo—52

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem.

Xarope peitoral de anjico composto
Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRA N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, Rua Major Facundo, 54

A'S NOVIDADES

Reabriu-se á concurrencia este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinifanias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C^ª.

56--Rua Major Facundo--56

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28